

# Affonso Arinos de Melo Franco

O renomado escritor foi promotor de Justiça pelo Ministério Público de Minas Gerais na década de 1930. Assim declarou sobre sua função: “A Promotoria me punha em contato com a vida do povo e com as misérias dessa vida”

Affonso Arinos de Melo Franco nasceu em Belo Horizonte, em 27 de novembro de 1905. Diplomado em 1927 pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, foi, pouco antes, aos 21 anos de idade, nomeado promotor de Justiça na capital mineira.

O jovem, que, em razão da vida política de seu pai, já havia morado na Europa e no Rio de Janeiro, vivenciava outra realidade, como revelou nesta passagem de seu livro de memórias *A alma do tempo*: “A Promotoria me punha em contato com a vida do povo e com as misérias dessa vida. Até então a ideia que eu tinha dos sofrimentos do mundo e das injustiças sociais era colhida nos livros. Ideia irreal e, até certo ponto, estrangeira, pois a literatura que eu lia era de outros países”.

Seu primeiro desafio como promotor de Justiça foi manifestar-se em uma controvérsia a respeito do pátrio poder sobre um menor. Para um jovem recém-formado, cuja expectativa de atuação na área criminal era certa, aquele primeiro contato com a prática ministerial causou perplexidade não apenas pela declarada ignorância sobre o

assunto, mas também pela antevisão das várias responsabilidades que as atribuições ministeriais lhe exigiriam. Superada a primeira atuação como curador de menores, dedicou-se a práticas rotineiras, como interrogatórios, oferecimento de denúncias, visitas a abrigos de menores e a hospitais de interditos.

Além da Promotoria de Justiça, seu tempo era dedicado a atividades intelectuais. Escrevia poemas e colaborava na redação do *Diário de Minas*, cujo redator-chefe era seu amigo Carlos Drummond de Andrade. Em Belo Horizonte, também desfrutava da companhia de João Alphonsus de



Guimaraens, Milton Campos, Gustavo Capanema, Gabriel Passos, Ciro dos Anjos e outros intelectuais da sua geração.

Em 1928, Affonso volta para o Rio de Janeiro, onde se casa com Ana Guilhermina Rodrigues Alves Pereira – com quem teve dois filhos e 11 netos – e inicia a carreira de parlamentar e homem público.

Em 1930, publica seu primeiro livro na área do Direito: Responsabilidade criminal das pessoas jurídicas, obra que traduz sua experiência como promotor de Justiça. Escreveu diversos livros sobre política, cultura brasileira, história econômica, crítica literária, crônicas e até uma peça de teatro. Recebeu prêmios literários e, em 1958, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, sucedendo José Lins do Rego na cadeira 25.

Em 1936, ingressou no magistério superior como professor de História da Civilização Brasileira na extinta Universidade do Distrito Federal. Também ministrou cursos na Universidade de Montevideú (Uruguai); na Sorbonne, em Paris (França); na Universidade de Buenos Aires (Argentina) e no Instituto Rio Branco. Affonso Arinos foi professor emérito das universidades Federal e Estadual do Rio de Janeiro (UFRJ e UERJ).

Entre 1947 e 1959, foi deputado federal por Minas Gerais. Na Câmara dos Deputados, foi membro de diversas comissões e autor da Lei n.º 1.390, de 3 de julho de 1951, contra a discriminação racial. O texto foi superado mais tarde, quando o próprio Affonso Arinos incorporou seu conteúdo ao capítulo “Dos direitos e garantias individuais”, da Constituição de 1967.

Em 1958, foi eleito senador pelo antigo Distrito Federal, hoje Estado do Rio de Janeiro. Em 1961, ocupou, no governo do presidente Jânio Quadros, a pasta das Relações Exteriores.

Nesse cargo, entre outras atividades, foi o primeiro chanceler brasileiro a visitar a África. Esteve no Concílio Vaticano II como embaixador extraordinário e chefiou a delegação brasileira Conferência do Desarmamento, em Genebra.

Em 1985, foi nomeado presidente da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, que ficou conhecida como Comissão Affonso Arinos. Novamente eleito senador em 1988, presidiu a Comissão de Sistematização Constitucional da Assembleia Nacional Constituinte.

Em 27 de agosto de 1990, após duas semanas internado, Affonso Arinos de Melo Franco morre no Rio de Janeiro. Era filho de Afrânio de Melo Franco e de Sylvia Alvim de Melo Franco.